

M. VIEGAS GUERREIRO

ALBERTO IRIA

Palavras proferidas na sessão
de homenagem, realizada na
Casa do Algarve, em Lisboa,
a 13-XII-1978



S.  R.

JUNTA DE FREGUESIA

DE

QUERENÇA

FARO
1979

ALBERTO IRIA

S.  R.
JUNTA DE FREGUESIA
DE
QUERENÇA
677

Separata do «Correio do Sul»
n.º 3027 e 3028, de 18-I e
1-II-1979 — Faro

1721

S.  R.
JUNTA DE FREGUESIA
DE
QUERENÇA

Vai a Casa do Algarve entregar solenemente ao Dr. Alberto Iria o diploma de sócio honorário com que o agraciou. É a consagração pública dos altos serviços que tem prestado à sua Província, à nossa Província. É uma distinção que há muito anda com ele, que por mérito próprio alcançou e a que a Casa do Algarve, por louvável iniciativa do seu Presidente, Sr. Joaquim António Nunes, deu forma socialmente definida, diremos institucionalizou e nesta sessão se ritualiza.

E duplamente bem merece da terra em que nasceu o Dr. Alberto Iria: pelo que, como homem, a enobrece, pelo que, como historiador, a ilustra, e ainda quando dela se não ocupa, e principalmente porque lhe tem dedicado, ao longo de sua operosa vida intelectual, quase todos os primores do seu espírito.

Não é, todavia, do meu foro apreciar o historiador, incumbência que fica nas mãos mais hábeis e responsáveis do Professor Veríssimo Serrão.

Cabe-me dar notícia do homem, de sua personalidade. Oxalá não saiam apagados os louvores que lhe são devidos.

Joaquim Alberto Iria, Alberto Iria de nome literário, nasceu em Olhão a 27 de Dezembro de 1909. Coursou o Liceu em Faro e formou-se em Ciências Históricas e Filosóficas na Faculdade de Letras de Lisboa. Tirou ainda o curso de bibliotecário-arquivista na Universidade de Coimbra. Foi bibliotecário da Biblioteca da Ajuda, da Assembleia

V Al a Casa do Algarve entregar solenemente ao Dr. Alberto Iria o diploma de sócio honorário com que o agraciou. É a consagração pública dos altos serviços que tem prestado à sua Província, à nossa Província. É uma distinção que há muito anda com ele, que por mérito próprio alcançou e a que a Casa do Algarve, por louvável iniciativa do seu Presidente, Sr. Joaquim António Nunes, deu forma socialmente definida, diremos institucionalizou e nesta sessão se ritualiza.

E duplamente bem merece da terra em que nasceu o Dr. Alberto Iria: pelo que, como homem, a enobrece, pelo que, como historiador, a ilustra, e ainda quando dela se não ocupa, e principalmente porque lhe tem dedicado, ao longo de sua operosa vida intelectual, quase todos os primores do seu espírito.

Não é, todavia, do meu foro apreciar o historiador, incumbência que fica nas mãos mais hábeis e responsáveis do Professor Veríssimo Serrão.

Cabe-me dar notícia do homem, de sua personalidade. Oxalá não saiam apagados os louvores que lhe são devidos.

Joaquim Alberto Iria, Alberto Iria de nome literário, nasceu em Olhão a 27 de Dezembro de 1909. Coursou o Liceu em Faro e formou-se em Ciências Históricas e Filológicas na Faculdade de Letras de Lisboa. Tirou ainda o curso de bibliotecário-arquivista na Universidade de Coimbra. Foi bibliotecário da Biblioteca da Ajuda, da Assembleia

Nacional e organizador e Director do Arquivo Histórico Ultramarino e vogal nato do Centro de Estudos Históricos Ultramarinos.

De entre os seus títulos literários nacionais distingo o ser sócio da Academia das Ciências de Lisboa e académico de número da Academia Portuguesa de História.

Pertence a vários institutos estrangeiros dos Estados Unidos, Brasil, Colômbia, Uruguai. Tem participado em muitos congressos e organizado, com a competência profissional que se lhe reconhece, exposições históricas em Portugal e no Brasil, de que elaborou os respectivos catálogos.

Sua obra é vasta e não vou aqui enumerar seus títulos, dizendo só que se repartem por um sem número de artigos e estudos, publicados em jornais e revistas, além de livros de maior tomo.

De toda esta imensa actividade lhe vieram justos galardões como o de Comendador da Ordem do Cruzeiro do Sul, Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique, e medalhas de entidades oficiais brasileiras. Mas de seu mérito de investigador não me toca, como disse, occupar-me e sim do homem que tem sido.

Alberto Iria nasceu de família modesta: o pai era homem do mar. Pescador, primeiro, mestre e dono de caïque, depois, que veio a afundar-se diante de Peniche. Foi sócio de um galeão e de uma fabriqueta de conservas, mas nem isso lhe deu ganhos que chegassem para viver e pagar estudos ao filho. Teve de emigrar para Marrocos, enquanto a mãe se moía ao balcão de mercearia pobre para ajudar a casa. Este abnegado sacrifício dos pais nunca mais lhe saiu do coração e modelou em muito sua conduta e personalidade. Era assim esse tempo: os filhos dos pobres tinham de se ficar com a instrução primária, senão analfabetos. Eu tenho isso bem presente no Portimão que conheci na minha juventude. Prosperava a aristocracia do dinheiro: os outros, os da rua, puxavam pelo corpo, às vezes para matar a fome, e nem sempre com êxito.

Mas tornemos a Olhão, lá onde crescia o nosso

Alberto. Pontificava, então, no mundo social e literário da terra a figura egrégia de um médico filósofo, que tinha todos os remédios para a cura do espírito e nem sempre para a das moléstias do corpo — o Dr. Francisco Fernandes Lopes. Todo o seu gosto era aprender e ensinar. Alto, magro, levemente curvado, a barba branca por fazer, vestido com singularidade, de colarinhos gomados, de que comprou mais de um cento, só de uma vez, ao livreiro Capela, de Faro, era vê-lo perorando, falando horas a fio, esquecido do ofício e do tempo, nas ruas e passeios públicos da vila, rodeado dos estudantes do lugar, tal como Sócrates a seus discípulos na praça pública de Atenas: Lisis, Eutidemo, Crítias, Alcibiades eram aqui o Antero Nobre, o Guerreiro Cristóvão, o Manuel Henriques, o Jorge Capinha e sei lá quantos outros que não conheci, e com eles, naturalmente, o Alberto Iria. Seu saber era enciclopédico, não havia matéria de que estivesse ausente e tanto predicava a pequenos como a grandes, como aos maiores da terra portuguesa, que adregavam de lhe cruzar os umbrais ou topar com ele em qualquer parte. E não se ficava na superfície das coisas, ia ao fundo delas. Era um assombro, um espanto. Ouvia-o Alberto em Olhão e em Faro, no liceu onde ensinava Ciências Naturais. Aí o conheci e a todos os moços de Olhão, a cuja turma sempre pertenci. Acabada a aula, ficávamos à roda dele; fazia-se tarde e continuava a falar, e ia falando sempre e andando a pé para Olhão, e contavam-me que dias havia que chegavam a casa já bem de noite.

A esse frutuoso convívio, às lições do Mestre, atribui Alberto, em parte, a sua entrega à investigação histórica. E lembra a propósito, o que ficou devendo a outro notável professor do Liceu, o grande latinista, Dr. Diogo da Rosa Machado, que muito o acompanhou na elaboração da sua tese de licenciatura sobre A Invasão de Junot no Algarve. E neste ponto se não esquece também da ajuda que lhe deu o Dr. João Martins da Silva Marques, conservador da Torre do Tombo, que lhe prefaciou a tese e teve palavras de apreço e de compreensão pela precária situação económica em que tinha de trabalhar.

Alberto Iria foi sempre estudante aplicado, colega leal, amigo dedicadíssimo. Estou a vê-lo metido na sua capa e batina, que era o traje que então usávamos, acabando de chegar com a troupe que o comboio diariamente trazia de Olhão. E no jardim da Alameda, pegado ao Liceu, palco das nossas acções extra-escolares. E peço vénia para recordar aqui, com amarga saudade, um outro companheiro e amigo, que a morte já levou, o Délio Nobre Santos, tão rico de ideal como de fantasia, de quem vim a ser colega na Faculdade de Letras de Lisboa e a quem uma vez, quando estudante, o Dr. Leite de Vasconcellos cumprimentou com estas saborosas palavras:

— Salve, Apolo Délio, ainda tão jovem e já tão sábio.

O curioso é que nesse tempo a preocupação maior era o estudo, a discussão de ideias e das matérias que aprendíamos. Não faltavam, é evidente, graças e saltos, correias, a toada dominante, porém, era o culto dos livros. Aquela manga de Olhão, imbuída de interesses culturais pelo patriarca filósofo, começava a ser adulta, antes de tempo. E o pecadilho da vaidadezinha de um ou outro, deslumbrados com a sabedoria, resvalava, às vezes, para a sobrançeria, senão troça dos deserdados da fortuna de não viverem na ambiência do Mestre. Ainda estou a ouvir reparos desse tipo, eu que era um montanheiro da beira-serra, da boca de um desses pequenos doutores e estetas, por sinal um excelente companheiro de Universidade: o malogrado Manuel Henriques da Cruz.

Mas estou a desviar-me demais do nosso homenageado, que o escrito é dele e para ele.

A amizade que nos aproximou no Liceu veio a crescer na Faculdade de Letras. Sua afabilidade era sem limites, sua bondade a cada passo comprovada. E o que foi continua a ser pela vida fora. Os tempos não vão propícios para louvar os homens virtuosos. Preza-se a inteligência, o saber mais que a virtude. Aos maus, se intelectualmente bem dotados, tudo se desculpa. E se acaso a fama os toca, não há ignomínia que se lhes não perdôe. E, afinal, os homens bons são os mais raros. Não se sacrifica no altar da bondade. E esta juntamente com uma inteligência lúcida

e profundo saber são prendas que poucas vezes concorrem em um mesmo ser; pois ambas possui o Alberto Iria. Está com ele uma natural virtude que a reflexão aprimora, valoriza. Buscavam-na os antigos para não sofrer, para serem felizes, uma felicidade que excluía o amor e a paixão, quanto pudesse perturbar a alma e tirá-la de um sossego absoluto. Era uma olímpica serenidade que só se achava no isolamento, na solidão, longe da perversão do mundo e por meio da sabedoria. Esta a moral antiga de cínicos e estoicos, de Platão e Aristóteles. Amar o próximo como a si mesmo até ao sacrifício, comunicar humildemente com ele, doer-se de suas dores, são virtudes que só o Cristianismo trouxe. Ora uma alma assim é a do nosso homenageado. Bondoso, naturalmente humilde na presença de grandes e de pequenos, não lhe faltando nunca uma palavra de esperança e com lugar para perdão até para os que alguma vez o têm ofendido.

Ama como ninguém a sua província e nisso não quero que haja quem o exceda. Parece realizar-se nele essa conformidade que Fernão Lopes acreditava se gerasse entre o homem e a terra: «... o pregoeiro da vida que é a fome, recebendo refeição para o corpo, o sangue e espíritos curados de tais viandas tem uã tal semelhança antre si que causa esta conformidade» (1).

Não correu atrás de riquezas nem de ostentações. Nasceu pobre e pobre tem vivido, pai amantíssimo, avô carinhoso, hoje quase só, ralado de desgostos, o maior dos quais foi o falecimento prematura de sua esposa; e de ingratidões, de desilusões, como a de não ver cumprida na terra portuguesa a justiça social cristã, com que sempre sonhou.

Ficam, porém, consigo as únicas riquezas que lhe não podem tirar: seus livros, seu saber, e o coração fraternalmente aberto a todo o sofrimento humano. Este o retrato moral do cidadão que hoje celebramos. E tenho dito.

(1) — No *Prólogo da Crónica de D. João I.*

Separatas do «Correio do Sul»

- Faro no decorrer do século XIX, pelo Dr. Justino de Bivar.
 Santa Maria de Harun e as suas lendas de amor, pelo Dr. Justino de Bivar.
 Algarve de Sonho e Lenda, por Silva Tavares
 A pesca do atum na costa do Algarve, pelo Dr. Mário Lyster Franco
 A 183.ª das Cantigas de Santa Maria do Rei Sábio, pelo Dr. Fernandes Lopes
 Um Antifonário «Iluminado» do Século XVII, por J. A. Pinheiro e Rosa
 Duas moedas visigóticas inéditas, por O. da Veiga Ferreira
 Numária de D. João I, por Gonçalo Lyster Franco
 Avante e Santiago, por Cândido Guerreiro
 Alocução, pelo Dr. Jaime Bento da Silva
 Um deão da Sé de Faro a contas com a Inquisição, pelo Dr. António Baião
 O Pintor Joaquim Porfírio, pelo Pintor Lyster Franco
 Uma curiosa moeda romana forrada, por O. da Veiga Ferreira
 Manuel Teixeira Gomes, pelo Dr. Mário Lyster Franco
 O Pintor Constantino Fernandes, pelo Pintor Lyster Franco
 A influência bíblica na obra de Cândido Guerreiro, pelo Dr. Clementino de Brito Pinto
- Episódios inéditos da Inquisição, pelo Dr. António Baião
 João Lúcio e Portugalidade, pelo Dr. Mário Lyster Franco
 Discurso, de Júlio Dantas
 Júlio Dantas, pelo Dr. Mário Lyster Franco
 As cantigas de Santa Maria do Rei Afonso, pelo Dr. Fernandes Lopes
 Um beijo por lembrança, por Cardoso Martha
 Alocução em honra de Nossa Senhora, pelo Dr. Mário Lyster Franco
 Breves notas de história da Obstetrícia, pelo Dr. António H. Balté
 Nótula para a História de Faro, pelo Eng.º Aboim Sande Lemos
 Recordando..., pelo Dr. Amadeu Ferreira d'Almeida
 Sagres e o Infante D. Henrique, pelo Dr. José Formosinho
 Emiliano da Costa, pelo Dr. Elviro Rocha Gomes
 As mais belas Catedrais da Itália, pelo Dr. Amadeu Ferreira d'Almeida
 Um inédito de João Baptista da Silva Lopes, pelo Dr. António Baião
 Algarve — Fonte de Saúde e de Turismo, pelo Dr. Ascensão Conreiras
 Homenagem a José Formosinho, pelo Dr. Mário Lyster Franco
 Alocução em Silves, pelo Dr. Mário Lyster Franco
 Evocação de José Joaquim Nunes, pelo Doutor F. Rebelo Gonçalves
 Evocação da «Alma Nova», pelo Dr. José Guerreiro Murta
 O Infante, Servidor de Deus, por D. Fr. Francisco Rendeiro, O. P.
 Castro Marim, Baluarte da Cristandade, por Jacinto José do Nascimento Moura
 O Túmulo de São Gonçalo de Lagos, por Antero Nobre
 O Poeta Cândido Guerreiro, pelo Dr. José Neves
 São Gonçalo de Lagos, por Júlio Dantas
 O orgão da Sé de Faro, por L. A. Esteves Pereira
 O Algarve, Costa Mundial do Sol, pelo Eng.º Geog.º Dr. José António Madeira
 Breve Memória de D. Marcelino Franco, pelo Padre Manuel Bárbara
 A Psiquiatria e os seus problemas, pelo Dr. Manuel da Silva
 Toponímia Árábica do Algarve, pelo Dr. José Pedro Machado
 Um Farense quasi esquecido — o Padre Lopes — pela Dr.ª Mariana Amélia Machado Santos
- Ria de Faro, pelo Eng.º-Agr. António da Fonseca Leal de Oliveira
 O Algarve e as Capitánias, pelo Cap. m. g. Henrique Alexandre da Fonseca
 Ainda e sempre João de Deus, pelo Dr. Alberto Iria
 Dois Humanistas Algarvios, pelo Dr. Mário Lyster Franco
 Quem deve substituir os Juizes de Direito?, pelo Dr. Rocheta Gomes
 Breve notícia da presença dos Judeus no Algarve, pelo Dr. Mário Lyster Franco
 Alberto Iria, pelo Prof. Dr. Manuel Viegas Guerreiro